

**VESTIBULAR**  **FGV**

**GRADUAÇÃO EM ECONOMIA – SP**

**2ª FASE | PROCESSO SELETIVO**  
**1º SEMESTRE DE 2022**

**005. PROVAS DE**  
**LÍNGUA PORTUGUESA E**  
**MATEMÁTICA**  
**BLOCO 4**



**BLOCO 4**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

01. Examine a tirinha de Jean Galvão, publicada em sua conta no Instagram em 26.11.2020.



- a) O que é um pleonasma? Identifique o pleonasma que ocorre na tirinha.
- b) Cite outro recurso expressivo que também contribui para o efeito de humor da tirinha. Justifique sua resposta.

- 02.** Leia o trecho inicial do artigo “Desemprego, desalento e informalidade”, do sociólogo José Pastore.

Como pode o Brasil se livrar desses três graves problemas? É a pergunta que mais recebo de estudantes e jornalistas. Infelizmente, não existe uma bala de prata. O emprego de hoje reflete o investimento de ontem. E, nos dias atuais, o Brasil investe apenas 15% do PIB, o que é irrisório para atender às necessidades de trabalho.

Mas, mesmo na retomada dos investimentos, especula-se sobre o impacto das tecnologias poupadoras de mão de obra. Sabe-se que elas destroem e criam empregos. Entretanto, as novas vagas só podem ser aproveitadas por trabalhadores que têm a qualificação exigida por elas.

Esse ajuste não é trivial. O Brasil possui poucos empregos e trabalhadores de alta qualidade. A maioria dos atuais postos de trabalho está em setores que requerem uma qualificação limitada: commodities, comércio e serviços simples, transporte e, marginalmente, indústria. Bem diferente é a matriz econômica da Alemanha, por exemplo, que exporta 50% do PIB em bens e serviços de alta tecnologia. Ou seja, exporta ideias, pesquisa e ciência que, em última análise, estão na cabeça dos trabalhadores.

(José Pastore. “Desemprego, desalento e informalidade”. *O Estado de S.Paulo*, 26.08.2021.)

- a)** Explique o sentido atribuído pelo autor à expressão “bala de prata” (1º parágrafo).  
**b)** Reescreva a frase “Sabe-se que elas destroem e criam empregos.” (2º parágrafo), transpondo-a para a voz passiva e substituindo o pronome “elas” pelo seu referente.

Leia o trecho do ensaio “Economia e Felicidade”, do economista Eduardo Giannetti, para responder às questões de **03** a **05**.

Os gregos antigos inscreveram no templo de Apolo, na ilha de Delfos, a máxima que sintetiza o princípio da moderação: “Nada em excesso”. As instâncias da sabedoria apolínea abundam. A ética desligada da ciência é vazia; a ciência desligada da ética é cega. A intuição sem lógica é dogmática; a lógica sem intuição é eunuca. A criação apartada da tradição é caótica; a tradição apartada da criação é estéril. A liberdade sem disciplina é suicida; a disciplina sem liberdade é deserta. O sonho desprovido de senso prático naufraga; o senso prático privado de sonho não zarpa. O ideal não é, portanto, a polaridade excludente — “competição *ou* solidariedade” —, mas o arco teso da conjunção: “competição e solidariedade”.

Mas é preciso também lembrar, por fim, que o princípio da moderação aloja uma curiosíssima contradição lógica. Como economista e adepto da racionalidade, defendo o equilíbrio, a prudência e o autocontrole como elementos centrais de um viver bem conduzido. O cálculo dos meios e a análise criteriosa dos fins são ferramentas do agir consequente. O caminho da ruptura, da entrega apaixonada e do impulso irrefletido revela-se, com frequência, o atalho mais curto para o desastre e arrependimento. Juízo míope, agir descomedido.

O que acontece, entretanto, quando aplicamos o “nada em excesso” apolíneo a si mesmo? Algo surpreendente: *a moderação da moderação!* Do ponto de vista da melhor vida, pecar pelo excesso de moderação pode revelar-se tão fatal quanto pecar pela falta dela. Pois uma vida pautada pela aplicação uniforme do “nada em excesso” leva a um viver insípido e defensivo.

O que esperar, afinal, de uma existência imune à entrega, ao arrebatamento e às apostas no imponderável? De uma existência reta, em que toda exaltação entusiástica e toda concentração de valor é suspeita? Nenhum desastre, é certo, mas também nada além de uma cinza mediocridade e tépido viver. Como dizia o ultrarracionalista Sócrates no *Fedro* de Platão, “as nossas maiores bênçãos nos vêm mediante a loucura.” “Sem a loucura”, acrescenta Fernando Pessoa, “que é o homem mais que a besta sadia, cadáver adiado que procria.” Quando a criação do novo está em jogo, nada mais irracional do que ignorar os limites da razão. A moderação, concludo, não escapa de si: também ela precisa ser moderada.

(Eduardo Giannetti. *O elogio do vira-lata e outros ensaios*, 2018.)

**03.**

- a) De acordo com o autor, qual seria a consequência de uma vida orientada pelo excesso? E qual seria a consequência de uma vida rigorosamente orientada pela moderação?
- b) Reescreva duas frases do primeiro parágrafo, fazendo uso de vírgula para assinalar a elipse de um verbo.

**04.**

- a) Considere os seguintes enunciados:
  1. Como economista e adepto da racionalidade, defendo o equilíbrio, a prudência e o autocontrole como elementos centrais de um viver bem conduzido. (2º parágrafo)
  2. O caminho da ruptura, da entrega apaixonada e do impulso irrefletido revela-se, com frequência, o atalho mais curto para o desastre e arrependimento. (2º parágrafo)
  3. O que acontece, entretanto, quando aplicamos o “nada em excesso” apolíneo a si mesmo? (3º parágrafo)
  4. A moderação, concludo, não escapa de si: também ela precisa ser moderada. (4º parágrafo)

Qual desses enunciados pode ser considerado mais impessoal? Justifique sua resposta.

- b) Cite duas palavras do segundo parágrafo cujos prefixos expressam sentido de negação.

**05.**

- a) Proponha dois sinônimos para o verbo “naufraga” (1º parágrafo), um empregado em sentido também figurado e outro em sentido literal.
- b) Identifique o recurso retórico de natureza sintática utilizada de forma reiterada no primeiro parágrafo e indique qual a sua finalidade.

Para responder às questões de **06** a **08**, leia o primeiro capítulo do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

— Continue, disse eu acordando.

— Já acabei, murmurou ele.

— São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me *Dom Casmurro*. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” — “Vou para Petrópolis, dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” — “Meu caro dom Casmurro, não cuide que o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consulte dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. *Dom* veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até o fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

(Machado de Assis. *Dom Casmurro*, 2016.)

**06.**

- a) Considerando o contexto, como deve ser entendida a fala do narrador “— São muito bonitos.” (4º parágrafo) e qual a sua finalidade?
- b) Reescreva os trechos “— Continue, disse eu acordando.” (2º parágrafo) e “— Já acabei, murmurou ele.” (3º parágrafo) em discurso indireto.

**07.**

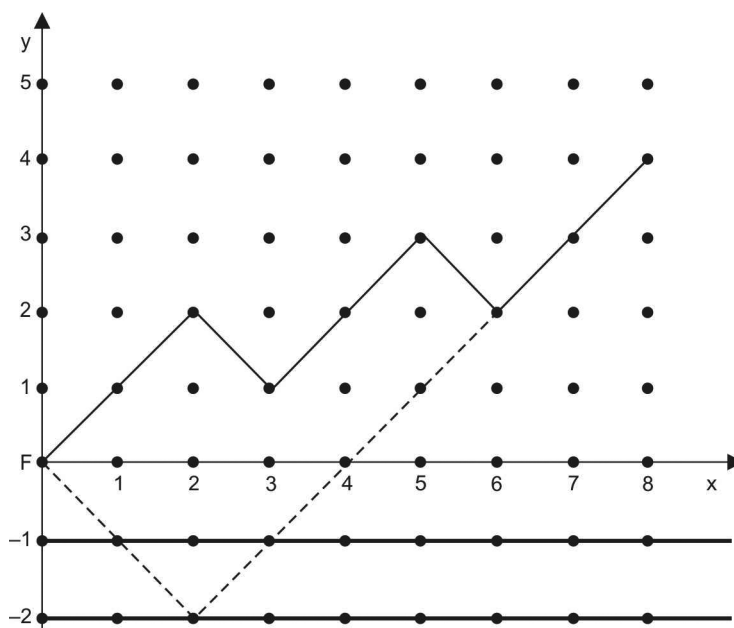
- a) O leitor é figura recorrente e fundamental na prosa machadiana. Transcreva uma frase em que se verifica a inclusão do leitor na narrativa. Justifique sua escolha.
- b) Identifique as funções sintáticas exercidas pelos pronomes “que” sublinhados no primeiro e no quinto parágrafos.

**08.**

- a) Identifique os referentes dos dois pronomes sublinhados no último parágrafo.
- b) Transcreva uma frase em que ocorre metalinguagem. Justifique sua escolha.

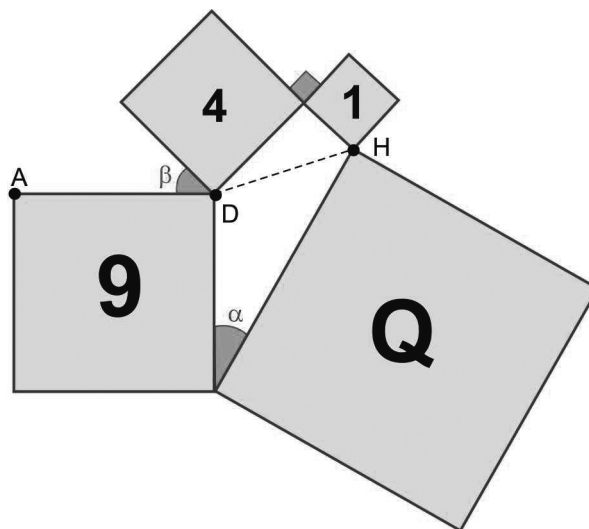
## MATEMÁTICA

- 09.** Caio comprou uma bicicleta por R\$ 100,00 e posteriormente a ofereceu a seu primo por R\$ 180,00, que aceitou a proposta e pagou com uma única nota de R\$ 230,00. Caio inocentemente aceitou essa nota como se fosse verdadeira e ainda devolveu corretamente o troco.
- a)** Considerando os negócios que Caio fez com a bicicleta, qual foi seu prejuízo total em reais?
- b)** O primo de Caio, arrependido por tê-lo enganado, propôs aplicar o troco recebido na negociata em um investimento a juros compostos durante 3 anos. Qual deverá ser a menor taxa de juros anual para que o montante após 3 anos seja maior ou igual a R\$ 204,80?
- 10.** Uma formiga F parte da origem de um sistema de coordenadas cartesianas e passeia por esse plano em movimentos diagonais para a direita, sempre subindo (ou descendo) uma unidade na ordenada para cada unidade na abscissa. A figura ilustra dois passeios distintos até o ponto (8, 4), que a partir do ponto (6, 2) têm um trajeto comum. Observe que no trajeto pontilhado a formiga passou pelas retas  $y = -1$  e  $y = -2$



- a)** Ao fazer um passeio da origem até o ponto (13, 7), qual a diferença entre o número S de vezes que a formiga subiu para o número D de vezes que ela desceu?
- b)** Qual o número de passeios distintos dessa formiga, da origem até o ponto (13, 7), que passa pela reta  $y = -2$ ?

11. Considere a equação modular  $|2x| + |3y| = 18$  e o gráfico G de todos os pares ordenados  $(x, y)$  que são solução dessa equação.
- Qual o número de pares ordenados  $(x, y)$ , em que  $x$  e  $y$  são números inteiros?
  - O gráfico G é um polígono com lados de mesma medida e a equação  $x^2 + y^2 = M$  representa a circunferência que tangencia os lados desse polígono. Sendo M uma fração irredutível, quais são, respectivamente, o seu numerador e o seu denominador?
12. Cada um dos quatro lados de um quadrilátero é o lado de um quadrado, sendo que as áreas desses quadrados são  $1 \text{ cm}^2$ ,  $4 \text{ cm}^2$ ,  $9 \text{ cm}^2$  e Q, conforme mostra a figura, que também destaca os vértices A, D e H e os ângulos  $\alpha$ ,  $\beta$  e  $90^\circ$ . Nessas condições, quando  $\beta$  varia, o ângulo  $\alpha$  e a área Q também variam, sendo impossível acontecer, ao mesmo tempo,  $\beta = 45^\circ$  e  $Q = 16 \text{ cm}^2$ .



- Se  $Q = 16 \text{ cm}^2$ , o valor de  $\cos \alpha$  é igual a fração irredutível  $\frac{p}{q}$ . Quais são, respectivamente, os valores de  $p$  e  $q$ ?
- Seja  $\theta < 180^\circ$  o ângulo  $\widehat{ADH}$ . Se  $\beta = 45^\circ$  o valor de  $(\cos \theta)^2$  é igual à fração irredutível  $\frac{m}{n}$ . Quais são, respectivamente, os valores de  $m$  e  $n$ ?